

Carxs leitorxs,

É com muita alegria que anunciamos o lançamento do Número Temático da Revista de Arqueologia Pública intitulado “Arqueologias *queer*, tensionamentos da norma”, que almeja apresentar múltiplas abordagens com aportes teóricos menos normativos em relação às interpretações arqueológicas, às práticas científicas e aos posicionamentos assumidos na academia e fora dela.

O cenário político e social no Brasil contemporâneo é marcado pela retomada de um discurso conservador, moralizador, fundamentalista e extremamente preocupado com os costumes dos indivíduos e coletivos. Essas narrativas penetram em todas as esferas sociais, ocasionam uma disputa hegemônica pelo poder de narrar e reflete posicionamentos de grupos políticos, que não poupam palavras para criticar aqueles que se opõem ou não se enquadram com aquilo considerado como “normal”. No plano político-institucional, às práticas hegemônicas, retrógradas e essencialistas se colocam como justificativas para a criação de mecanismos que atacam frontalmente os Direitos Fundamentais duramente conquistados, considerados até então consolidados. Com isso, o exercício pleno da cidadania é posto em cheque.

A publicação desse volume da Revista de Arqueologia Pública reúne em torno deste tema diferentes contribuições de arqueólogxs e profissionais de áreas afins que foram estimuladxs a refletirem sobre suas produções e a interface ativista do fazer acadêmico. Neste contexto, o público pode se questionar sobre a aplicabilidade da teoria *queer* no campo arqueológico e como as restrições dos objetos de estudo da arqueologia comprometem ou não a validade e visibilidade de uma abordagem mais plural.

Não obstante, reconhecemos que é uma questão superada e muitas vezes mal interpretada que os estudos *queer* aplicados à arqueologia serviriam apenas para buscar indícios de comportamentos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, *queers*, intersexo, assexuais, mais (LGBTQIA+) no passado, tampouco inferir sobre as práticas sexuais de povos desaparecidos. Pesquisas com essas temáticas não se restringem a esses aspectos, pois conforme demonstrado neste Número Temático, o engajamento constrói posicionamentos críticos de como as histórias contadas por nós podem ser mais

abertas à dúvida e politicamente engajadas no combate ao androcentrismo presente em nossas interpretações.

Consideramos que a abertura epistemológica da *práxis* arqueológica brasileira para outras arqueologias pode ampliar ainda mais essas abordagens, inclusive, para fornecer possibilidades de releituras da cultura material por um viés crítico e reflexivo. A este respeito, outras narrativas de distintos lugares de fala podem e devem compor as interpretações arqueológicas sobre o passado. Dessa forma, escapa-se das suposições implícitas e heteronormativas construídas no presente, que mais ressaltam do que combatem os preconceitos.

Nas últimas décadas essas discussões se ampliaram no país, pelas diversas mudanças sociais e pela entrada de diferentes camadas e grupos ao espaço da academia. Tal renovação não é fácil, gera tensões em relação à corpos dissidentes e colocam em destaque as pautas historicamente não trabalhadas ou pouco abordadas como a sexualidade. Neste contexto, a temática *queer*, transviada ou bixa tem sido apropriada, criticada, revirada, antropofagizada por diferentes pessoas e coletivos que querem justamente reforçar o “eu” na vida e nas pesquisas. Uma arqueologia em prol do florescimento de memórias contra-hegemônicas.

Distintas pessoas têm ampliado o campo da norma: masculina, branca, elitista, cisgênera, heterossexual, urbana, cristã, entre muitos outros marcadores que sempre pautaram a prática científica. A discussão *queer*, os corpos trans, dentre muitos outros, ensinam-nos que os processos identitários da vida não cabem em categorias estanques, estáticas e binárias. Somos muitxs, variadx, múltiplxs, e a percepção das diferenças podem nos ajudar a produzir uma outra arqueologia, mais próxima da complexidade do mundo e dos dilemas do século XXI. O espaço acadêmico, entretanto, castiga-nos e induz a sermos somente umx, no escopo do convencionalmente correto e permitido. Cabe destacar, que uma parte significativa da arqueologia produzida no país foi e é realizada pelas mãos LGBTQIA+, porém poucxs pesquisadorxs acionam esse lugar de fala em suas pesquisas. O que nos impede de trazermos para nossa prática o *lócus* social que ocupamos no mundo?

Portanto, esse Número Temático surge em um momento mais que oportuno no Brasil, pois o contexto político atual tem se fechado à diferença e ameaça uma série de avanços conquistados por diferentes parcelas da população. Em 2018, o movimento de

lésbicas, gays, bissexuais e da população trans (LGBT) fez quarenta anos no país e em junho de 2019, a Revolta de Stonewall fez cinquenta anos. Os avanços desses movimentos têm sido postos em cheque pelo crescimento do conservadorismo no mundo. A lógica neoliberal produz e almeja produtos binários, e esse mesmo sistema se sente ameaçado por corpos que transgridem o padrão, e se colocam nas fronteiras, nos interstícios, na não categorização.

A vontade de trazer essas temáticas para dentro da arqueologia parte, especialmente, das novas gerações, que justamente tencionam a relação entre a arqueologia e a vida. No Brasil, pesquisadorxs no âmbito da arqueologia e da antropologia criaram um grupo para trocas e articulações de pessoas LGBTQIA+ no facebook. Em 2018, foi realizado um Simpósio Temático Aproximações da Arqueologia Brasileira com a Teoria Queer, no âmbito da *IX Reunión de Teoría Arqueológica de América del Sur* (TAAS), em Quito, no Equador, que buscou apresentar os esforços brasileiros em relação à temática. Em 2019, na VI Semana Internacional de Arqueologia Discente do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP foi realizada a mesa redonda “Porque uma arqueologia *queer*?”.

Analisadas em conjunto, tais ações têm aproximado pesquisadorxs da América Latina com o objetivo de fortalecer as discussões e os intercâmbios de pesquisa, e extrapolado os muros acadêmicos. A discussão *queer* nasce nas ruas, especialmente é das ruas e dos movimentos sociais a mobilização e a potência dessa discussão. Entretanto, a academia pode ser influenciada, tensionada por esses aportes e contribuir para uma arqueologia democrática, plural, engajada com os dilemas sociais.

Neste Número Temático, um conjunto de dezesseis artigos versaram sobre ensaios teóricos e reflexões epistemológicas sobre a teoria *queer* e as suas interfaces com o patrimônio cultural, especialmente com a arqueologia, as materialidades e imaterialidades, identidades, sexualidades e gêneros. Nesta linha, abrimos o dossiê com a “*Carta arqueológica para uma humanidade possível*” de **Bruno Sanches Ranzani da Silva**, que faz um chamado de forma poética e reflexiva em defesa da vida e da diferença, sobretudo daqueles que fogem ao padrão vigente. Nessa mesma direção está o texto “*Escavando palavras, analisando conceitos: a teoria queer em uma perspectiva brasileira*” de **Arkley Marques Bandeira**, que apresenta as bases conceituais da Teoria Queer, em uma perspectiva diacrônica e os possíveis reflexos no Brasil, o pesquisador reivindica a descolonização desta categoria, a partir de autorxs brasileiroxs, usando como pano de fundo

os pressupostos trasviadxs, artistas ou do C.U. Por sua vez, o artigo “*Patrimônio como categoria de luta LGBTQ+?*” de **Julia Xavier Barros e Bruno Sanches Ranzani da Silva** se vale da categoria de patrimônio cultural como um instrumento de luta e uma inversão retórica que possa carregar pautas sociais de grupos invisibilizados e marginalizados em negociação com o Estado, especialmente a população LGBTQ+. Como estudo de caso, rememoram as tentativas de patrimonialização da Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo, descrevem o processo que visava transformá-la em patrimônio imaterial do Brasil. Nessa sequência, **Renato Pinto**, pesquisador pioneiro das discussões queer no país, nos brinda com um artigo “*Queer fica, e por se move! - Ainda sobre queer e cultura material do passado*”, em que explora a temática, estimulado pela conjuntura política contemporânea, relacionando a teoria *queer* com os estudos da cultura material do passado. Faz contribuições e levanta perspectivas específicas como um elemento de fortalecimento aos posicionamentos sociopolíticos opostos a todas as formas de heteronormatividade. Ele usa a abordagem *queer* para confrontar interpretações monolíticas que podem propagar, congelar ou legitimar preconceitos arraigados do presente. **Estevão Rafael Fernandes e Fabiano Gontijo**, em “*Como ser um queer não enquadrado: axialidades radicais para tempos obscurantistas*” nos provocam a pensar o *queer* como um devir, como uma força que possibilita sair dos enquadramentos usuais de pesquisa e da vida em geral. Os autores colocam o *queer* como um verbo, uma ação e fazem um convite para todxs refletirem sobre outras axialidades desse “movimento”, desse caminhar que pode contribuir com conhecimentos menos circunscritos à ordem econômica, social, política, sexual, afetiva vigente. O ensaio provoca a *queerificação* do olhar ao apresentar essa vertente para além dos cânones teóricos, é um chamado à vida, às ruas, às periferias, aos movimentos sociais, a uma mudança real e efetiva. Encerrando este núcleo, **Hugo Benavides** com o artigo “*The Island of Menstruating Men: Queering Leacock’s Introduction to Engel’s “Origin of the Family, The Private Property and the State”*” constrói uma narrativa em que busca avaliar por um olhar da arqueologia *queer* a hipótese de Friedrich Engel sobre o papel cúmplice dos casamentos monogâmicos no domínio patriarcal, conforme delineado na obra *A Origem da Família, a Propriedade Privada e o Estado*. O autor usa como elemento de reflexão o material arqueológico da costa equatoriana, onde enfoca categorias como poder, repressão, gênero, sexualidade, patriarcado e as projeções construídas no presente que inibem a arqueologia de identificar modos de vida e comportamentos não normativos há muito perdidos no passado pré-colonial.

Nos últimos anos, a discussão do lugar de fala tem tensionado o campo acadêmico e colocado novas pautas e críticas à neutralidade da ciência. Nesse sentido, **Gabby Hartemann** em seu artigo *“Nem ela, nem ele. Por uma arqueologia (Trans) além do binário”* reflete sobre o espaço acadêmico monopolizado por homens cis brancos, e as distintas consequências para a população trans. Um olhar transformador não é caracterizado por identificar pessoas compreendidas hoje como trans no passado, mas perceber outros contextos de pesquisa que superem a cisheteronormatividade da ontologia moderna. Neste sentido, **Shay de los Santos Rodriguez** na reflexão *“Por que o homem é mais homem que o homem? Se eu comprei, então é meu: coisas do cotidiano e do prazer sexual para além da heteronormatividade”* lança um olhar etnográfico e analisa próteses penianas pensadas e produzidas para homens trans. Apresenta o sistema cisheteronormativo presente na sociedade que cria um escalonamento das muitas masculinidades a partir da norma vigente.

Outra vertente do Número Temático explorou a aproximação dos estudos queer e de gênero com a produção e interpretação dos dados arqueológicos, e possibilidades de aplicabilidade com a cultura material. **Maria Fernanda Ugaldi Mora** em seu artigo *“Arqueología bajo la lupa queer. Una apuesta por la multivocalidad”* repensa a iconografia de estatuetas antropomorfas pré-coloniais, produzidas ao longo de milênios na costa equatoriana e recoloca a discussão da construção dos corpos e dos gêneros para além do binarismo homem-mulher. Nessa direção, **Emerson Nobre**, com a discussão promovida em *“As folhas de videiras das Evas da Ilha de Marajó e a (des)construção de narrativas arqueológicas”* revisita de forma consistente os dados produzidos até o presente sobre as emblemáticas tangas marajoaras, que desde o final do século XIX são postas como femininas. O pesquisador mostra como elas foram exaustivamente relacionadas ao delta pubiano nas pesquisas arqueológicas, porém os dados contextuais não permitem essa interpretação. **Mario Júnior Polo e Lúcio Costa Leite** com a artigo *“Os sapatos de Scarlett: o corpo na Arqueologia Amazônica, e os caminhos desenhados por uma posicionalidade Queer”* apresentam o potencial da abordagem da corporeidade nas pesquisas da arqueologia amazônica como uma forma de desbiologizar o corpo para ampliar as análises deterministas, patriarcais e heteronormativas. Abrem as portas interpretativas para visões mais complexas que explorem e rompam as fronteiras entre natural e artificial, assim como contribui para se entender outros regimes de corporeidade possíveis. Em seu artigo *“Gênero e gerações: o enfoque queer na produção lítica do sambaqui Tenório, no litoral paulista”*, **Soraya Martins Alencar** realiza uma releitura da

produção lítica do Sambaqui Tenório, com base em um enfoque *queer*, aborda as categorias transicionais de gênero, corpo e geração na evidência arqueológica. No caso dos sambaquis, a autora compreende que a perspectiva *queer* pode fornecer novas leituras para se compreender o processo formativo desses montículos, especialmente as categorias de gênero e idade e como elas se inter-relacionam em torno a arranjos produtivos específicos, como a atividade lítica.

Outro conjunto de artigos explora a aproximação da teoria queer e as discussões de gênero com o campo dos museus de arqueologia e com as práticas educacionais. **Camila de Moraes Wichers** no artigo *“Arqueologia, museus e identidade cultural: tensionamentos queer”* reflete como a abordagem da diferença, em detrimento da diversidade, pode apontar novos caminhos para a produção de identidades mais conectadas com a fluidez contemporânea nesses espaços. Por outro lado, as práticas de socialização da arqueologia nos museus são exploradas por **Maurício André da Silva** com o artigo *“Diálogos orientados/desorientados pela teoria queer: por uma prática educativa para além da norma no âmbito da arqueologia”*, que discute novos redirecionamentos do trabalho Educativo do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP com a teoria *queer*. Os públicos visitantes da instituição têm trazido outras marcas identitárias, assim como sua equipe interna de profissionais e bolsistas, por sua vez, as estratégias de mediação e diálogo têm buscado ampliar a discussão sobre passado e presente, com objetivo de promover percepções menos normativas e mais abertas à diferença e à dúvida.

**Rodrigo Araújo de Lima e Nelson de Paiva Bondioli** no artigo *“Descobrimo e Recobrimo o Passado nas Salas de Aula com Assassin’s Creed Origins Discovery Tours: Um olhar das Humanidades Digitais sobre a censura moderna à nudez antiga”* analisam o jogo *Assassin’s Creed Origins* e o seu modo *Discovery Tours* que é uma ferramenta educacional em um Museu Virtual da antiguidade para exploração de sítios históricos. Os autores expõem a lógica de censura dos corpos e da sexualidade nessas franquias dos games, de estátuas, do estilo Greco-Romano, de seus mamilos e genitálias. Expõem as visões normativas no âmbito de uma ética perversa do mercado, que para atingir lucros, vincula-se a posturas repressoras e passa a mensagem que a nudez não pode ser um elemento de discussão. Por fim, **Anderson de Oliveira Gomes, Natalia de Oliveira Tavares, Newan Acacio Oliveira de Souza** no artigo *“Arqueologia e teoria queer: por uma arqueologia transviada”* exploram a temática por meio da implementação de oficinas com estudantes na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e na Universidade Federal de

Pelotas (UFPEl). O objetivo foi a sensibilização das novas gerações para o tema e para uma postura menos normativa diante da vida e da pesquisa.

Diante de temáticas tão ricas e reflexivas, esperamos que os olhares *queers* rompam com a rigidez das categorias normativas da arqueologia, buscando a compreensão das múltiplas performatividades dos corpos. Desejamos uma ótima leitura!!! Sigamos em frente, sendo múltiplxs, diferentes, diversxs, e mutáveis, pois a única certeza da humanidade é a sua capacidade de mudança.

*Prof. Dr. Arkley Marques Bandeira*

*Me. Maurício André da Silva*

*Organizadores*

*Dr. Frederic Pouget e Prof. Dr. Aline Vieira de Carvalho*

*Editores*